

SEMIOSES, SUJEITOS E IDEOLOGIAS NO DISCURSO DIGITAL: LEITURA DISCURSIVO-SEMIÓTICA DE POSTS DO INSTAGRAM SOBRE A REDAÇÃO DO ENEM 2025

**SEMIOSES, SUBJECTS AND IDEOLOGIES IN DIGITAL DISCOURSE:
DISCURSIVE-SEMIOTIC READING OF INSTAGRAM POSTS ABOUT THE 2025
ENEM ESSAY**

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 16/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/792114854](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/792114854)

Lillian Telma Naitzel Siring Timm¹

Sérgio Nunes de Jesus²

RESUMO

Este artigo examina como recursos verbais, visuais e digitais produzem efeitos de autoridade e constituem posições-sujeito em dois recortes de posts relacionados à redação do Enem 2025. A pesquisa é qualitativa e se fundamenta na Análise de Discurso materialista, articulada à leitura da imbricação das materialidades significantes. O corpus reúne uma chamada que oferece “melhores argumentos” e recusa “argumentos de bolso”, além de uma peça que apresenta o enunciado “Perspectivas acerca do envelhecimento na sociedade brasileira”. O procedimento relaciona marcas lexicais e gráficas, memória discursiva, efeitos de evidência e limites documentais. No primeiro recorte, a hierarquização dos argumentos convive com a negação de fórmulas prontas; no segundo, a abertura semântica do tema convive com sua estabilização como informação visualmente reconhecível. A comparação permite propor uma leitura da legitimação pedagógica e do reconhecimento institucional como funcionamentos distintos que podem convergir na orientação da escrita. Os resultados não demonstram intenção autoral, recepção efetiva ou qualidade dos argumentos anunciados. Como encaminhamento, propõe-se uma prática de leitura que explicita critérios de seleção, diferencie reconhecimento visual de autenticação documental e transforme orientações sintéticas em problemas de argumentação. A contribuição reside na articulação entre descrição material, interpretação discursiva e implicações pedagógicas circunscritas ao corpus.

Palavras-chave: Análise de Discurso Materialista; Discurso digital; Materialidades significantes; Redação do Enem; Leitura crítica.

ABSTRACT

This article examines how verbal, visual, and digital resources produce effects of authority and constitute subject positions in two

excerpts from posts related to the 2025 Enem essay. The study is qualitative and grounded in materialist discourse analysis, combined with an examination of the interweaving of signifying materialities. The corpus comprises a promotional message offering “better arguments” and rejecting “pocket arguments,” alongside a visual piece presenting the statement “Perspectives on aging in Brazilian society.” The analytical procedure relates lexical and graphic features, discursive memory, effects of self-evidence, and documentary limitations. In the first excerpt, the ranking of arguments coexists with the rejection of ready-made formulas; in the second, the semantic openness of the topic coexists with its stabilization as visually recognizable information. The comparison supports an interpretation of pedagogical legitimation and institutional recognition as distinct modes of functioning that may converge in guiding writing. The findings do not establish authorial intent, actual reception, or the quality of the advertised arguments. As a proposed approach, the article suggests a reading practice that makes selection criteria explicit, distinguishes visual recognition from documentary authentication, and transforms concise guidelines into questions of argumentation. Its contribution lies in connecting material description, discursive interpretation, and pedagogical implications restricted to the corpus.

Keywords: Materialist discourse analysis; Digital discourse; Signifying materialities; Enem essay; Critical reading.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Objeto e Problema de Pesquisa

A circulação de conteúdos educacionais em redes sociais passou a integrar práticas de estudo, orientação e preparação para avaliações

de larga escala. No *Instagram*, perfis de professores, cursos, plataformas e criadores de conteúdo organizam publicações que condensam explicações, listas, repertórios, modelos de argumentação e comentários sobre a redação do Exame Nacional do Ensino Médio. Nesse espaço, a escrita escolar é atravessada por modos de apresentação próprios do ambiente digital, no qual tipografia, cor, enquadramento, identificação do perfil, mecanismos de interação e fórmulas de chamada participam da produção de sentidos. essas publicações não funcionam como simples transferência de um conteúdo pedagógico para uma tela, pois a própria forma de circulação interfere no modo como o conhecimento é apresentado, legitimado e reconhecido pelos interlocutores (Santos; Franceschini, 2022; Seba; Costa, 2022).

A Análise de Discurso materialista (Adm) oferece condições para observar esse funcionamento sem reduzir a linguagem à transmissão de informações. Conforme Orlandi (2015), o discurso envolve a relação entre língua, sujeito e história, de modo que os sentidos se constituem em condições determinadas e se vinculam a processos ideológicos. Nesse sentido, a postagem digital pode ser lida como acontecimento de linguagem inscrito em memórias, expectativas e formas de dizer que antecedem o enunciado particular. Quando um post afirma que apresentará os “melhores argumentos” para uma redação, por exemplo, a escolha lexical já introduz uma escala de legitimidade e convoca um imaginário sobre desempenho, correção e eficácia argumentativa (Orlandi, 2015; Dias, 2017).

O objeto desta pesquisa é constituído por posts do *Instagram* que tematizam a redação do Enem 2025. O recorte concentra-se em duas materialidades fornecidas para análise. A primeira reúne a

chamada “Melhores argumentos para redação do ENEM 2025” e a formulação “E não são ‘argumentos de bolso’”, articuladas a uma composição visual marcada por cores associadas à identidade do exame e pela imagem de uma pessoa em uma cena educacional. A segunda apresenta a expressão “Tema da redação 2025” seguida do enunciado “Perspectivas acerca do envelhecimento na sociedade brasileira”, em composição gráfica que mobiliza marcas visuais do Enem e do governo federal. O interesse analítico recai sobre o modo como esses elementos funcionam discursivamente, sobretudo na relação entre orientação pedagógica, autoridade, memória e efeitos de evidência (Santos; Franceschini, 2022; Seba; Costa, 2022).

A questão que orienta o estudo pode ser formulada nos seguintes termos: de que maneira materialidades verbais, visuais e digitais, quando imbricadas em *posts* do *Instagram* sobre a redação do Enem 2025, produzem efeitos de sentido, constituem posições-sujeito e fazem funcionar formações discursivo-ideológicas relacionadas à escrita, ao desempenho e à avaliação? A formulação do problema desloca a análise de uma leitura centrada na intenção do autor para o funcionamento material do discurso, no qual o que se diz, a forma como se mostra e as condições de circulação estabelecem relações específicas entre o enunciador, o interlocutor e os saberes apresentados como relevantes para a prova (Dias, 2017; Lagazzi, 2008).

O problema envolve uma diferença metodológica decisiva: reconhecer que o post organiza sentidos sobre a escrita não equivale a demonstrar que ele modifica a aprendizagem. O objeto é o funcionamento do dizer nas materialidades disponíveis. Não se investigam notas, desempenho real, adesão dos estudantes ou intenção do perfil. Essa delimitação torna possível uma análise

consistente das relações entre semioses e ideologia, sem converter a interpretação do pesquisador em relato da experiência dos leitores.

A expressão “discursivo-semiótica” designa, neste trabalho, a leitura das relações significantes entre palavra, imagem, composição e marcas de circulação. Sua base epistemológica permanece na ADm e na discussão da imbricação material desenvolvida por Lagazzi (2008; 2009). Não se pressupõe a aplicação de um modelo autônomo de Semiótica Discursiva nem a equivalência entre tradições teóricas distintas. A precisão dessa escolha permite que o título corresponda ao procedimento efetivamente desenvolvido.

1.2. Objetivos e Relevância Analítica

O objetivo geral é analisar como os dois recortes articulam semioses, posições-sujeito e efeitos ideológicos na orientação da escrita. Especificamente, examinam-se a classificação dos argumentos, a negação de outro dizer, a apresentação visual do tema e as marcas de reconhecimento institucional. A relevância está na possibilidade de compreender como orientações sobre a redação se tornam reconhecíveis em materiais sintéticos e como podem ser interrogadas em práticas de leitura crítica (Santos; Franceschini, 2022; Seba; Costa, 2022).

A hipótese de leitura é que os recortes legitimam a orientação educacional por operações diferentes. O primeiro valoriza uma seleção de argumentos e se diferencia de uma prática nomeada negativamente. O segundo concentra a atenção no reconhecimento de uma informação, associando-a a marcas do exame e de instituições públicas. Essa hipótese será confrontada com as sequências verbais e com a organização visual, permanecendo

aberta à revisão sempre que os elementos materiais não sustentarem a interpretação.

A contribuição proposta consiste em acompanhar a passagem de uma marca observável para uma hipótese de funcionamento e, depois, para uma consequência pedagógica possível. Esse percurso evita que a análise se limite à enumeração de conceitos. Também permite examinar o que o material deixa indeterminado: o critério de “melhor”, a extensão do conteúdo não exibido e a origem documental da peça de divulgação. A força da interpretação depende da explicação dessas relações, e não da atribuição de novidade absoluta ao estudo.

2. FUNDAMENTOS DA LEITURA DISCURSIVO-SEMIÓTICA

2.1. Sujeito e Ideologia na Produção dos Sentidos

A ADm vinculada ao viés em Michel Pêcheux se constitui no diálogo com campos distintos, entre os quais a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Esse encontro teórico não produz uma simples soma de conceitos, mas um deslocamento do modo de compreender a linguagem. Pêcheux e Fuchs (1997) situam a análise discursiva em uma perspectiva que problematiza a evidência do sentido e a transparência do sujeito, enquanto Gadet e Hak (1997) reúnem textos fundamentais para compreender a constituição e os diferentes momentos da teoria pecheutiana. Maldidier (2003), por sua vez, acompanha o percurso intelectual de Pêcheux e as reformulações que marcam o desenvolvimento da AD. No campo brasileiro, Orlandi (2015) sistematiza princípios e procedimentos que permitem tratar o discurso como efeito de sentidos entre

interlocutores, articulado à história e às condições de produção (Gadet; Hak, 1997; Malidier, 2003; Pêcheux; Fuchs, 1997).

Na perspectiva discursiva, a língua não constitui um sistema fechado que determina de maneira automática um único sentido. Ela oferece a materialidade sobre a qual a história trabalha, possibilitando equívocos, deslocamentos e disputas. Pêcheux (2015) trata a relação entre estrutura e acontecimento justamente para mostrar que a interpretação se estabelece em um espaço no qual a materialidade linguística encontra a memória e as condições históricas. Desse modo, palavras recorrentes em práticas educacionais, como “argumento”, “tema”, “melhor”, “repertório” e “preparação”, assumem valores específicos conforme as formações discursivas em que se inscrevem (Pêcheux, 2015; Orlandi, 2015).

O sujeito, para a AD, não corresponde a uma origem plenamente consciente de seus dizeres. A noção de interpelação, trabalhada por Althusser (1985) e reelaborada no campo pecheutiano, permite compreender que o indivíduo se constitui como sujeito em relações ideológicas que organizam evidências, posições e modos de reconhecimento. Pêcheux (2014) discute os efeitos pelos quais o sujeito se reconhece como fonte do que diz, ao mesmo tempo em que seu dizer está atravessado por formações ideológicas e por discursos anteriores (Althusser, 1985; Pêcheux, 2014).

A noção de formação discursiva permite analisar o que pode e deve ser dito a partir de determinada posição em uma conjuntura. Em Pêcheux (2014), a formação discursiva se relaciona à formação ideológica, pois os sentidos das palavras se transformam conforme as posições nas quais são produzidos. Courtine (2009), ao trabalhar corpus, memória e sequências discursivas, amplia as possibilidades

de observar regularidades e reconfigurações do dizer. No âmbito desta pesquisa, a formação discursiva educacional organiza sentidos associados à preparação, competência, correção e orientação, ao mesmo tempo em que se relaciona a formações ligadas ao mercado de cursos, ao desempenho escolar e às práticas digitais de divulgação (Pêcheux, 2014; Courtine, 2009).

Tomar a ideologia como produção de evidências exige atenção ao gesto de classificação. Em “melhores argumentos”, a superioridade aparece afirmada antes que o recorte apresente a comparação que a sustentaria. O adjetivo não prova a qualidade dos argumentos; ele instaura uma relação na qual o enunciador se autoriza a selecioná-los. É nessa relação entre classificação e lugar de saber que a perspectiva de Pêcheux (2014) oferece uma explicação do funcionamento ideológico, sem reduzir a análise a uma denúncia de falsidade.

A posição-sujeito deve ser distinguida da pessoa identificada no perfil. A existência de um nome e de uma marca gráfica não permite reconstruir a formação profissional ou as motivações individuais de quem publica. O que se pode observar é um lugar discursivo de orientação: uma instância apresenta saberes como relevantes e projeta um destinatário para quem esses saberes teriam utilidade. Conforme Orlandi (2015), a interpretação acompanha relações entre sujeitos e condições de produção, em vez de buscar uma consciência autoral plenamente acessível.

Também não se conclui que todo discurso de preparação integre uma mesma formação discursiva homogênea. A recusa de “argumentos de bolso” indica uma fronteira interna entre modos de orientar a escrita, embora não permita definir todas as posições em

disputa. A categoria formação discursiva funciona aqui como instrumento para examinar regularidades e diferenças, e não como rótulo aplicado automaticamente a qualquer publicação sobre o Enem (Pêcheux, 2014; Courtine, 2009).

2.2. Memória e Imbricação das Materialidades Significantes

A memória discursiva não se confunde com lembrança individual. Pêcheux (2010) a relaciona ao retorno do já-dito e às condições pelas quais determinados enunciados se tornam disponíveis para novas formulações. O pré-construído aparece como algo que se apresenta como anterior e sabido, permitindo que certas evidências funcionem sem necessidade de demonstração. No corpus, a ideia de que existem argumentos melhores, de que alguns repertórios seriam inadequados ou de que o participante precisa acompanhar o tema da redação se apoia em saberes que circulam previamente. O discurso-transverso, por sua vez, permite observar relações que atravessam uma formulação e a conectam a outras regiões de sentido, como mérito, rendimento, estratégia e avaliação (Pêcheux, 2010; Giachini, 2019).

Lagazzi (2008) propõe pensar a equivocidade na imbricação de materialidades significantes, perspectiva que impede uma separação rígida entre texto e imagem. No *corpus*, as palavras adquirem parte de sua força porque estão inscritas em determinada configuração visual, e as imagens, de igual modo, são interpretadas a partir do dizer que as acompanha. A expressão “melhores argumentos”, por exemplo, torna-se elemento de comando visual; já a formulação sobre o envelhecimento recebe moldura e centralidade que produzem um efeito de anúncio. A análise,

portanto, precisa acompanhar essa relação sem tratar a imagem apenas como ornamentação (Lagazzi, 2008; Paveau, 2017).

Orlandi (2001) distingue constituição, formulação e circulação como dimensões articuladas do discurso. A constituição remete às redes históricas e interdiscursivas que tornam o dizer possível; a formulação diz respeito à atualização do sentido em uma materialidade determinada; a circulação envolve os trajetos pelos quais o discurso se desloca e encontra novos interlocutores. Nos posts, a memória sobre o Enem e a preparação escolar sustenta a constituição, a composição gráfica condensa a formulação e o Instagram oferece condições particulares de circulação, processo no qual um mesmo enunciado pode ser lido como conselho, anúncio, repertório de estudo ou conteúdo compartilhável (Orlandi, 2001; Dias, 2018).

A leitura da negação requer observar sua dependência do dizer recusado. Ao negar “argumentos de bolso”, o *post* mantém essa expressão no espaço da formulação e pressupõe sua inteligibilidade para o leitor. A memória não é comprovada como recordação individual de cada destinatário; ela é inferida na relação entre o dizer presente e a categoria que ele convoca. Essa distinção sustenta a análise de uma disputa de legitimidade sem inventar um histórico de publicações anteriores (Pêcheux, 2010; Orlandi, 2015).

A imbricação material exige, por sua vez, explicar como cada recurso participa da relação. O destaque cromático pode dar saliência a uma classificação; a fotografia pode compor uma cena educacional; uma marca institucional pode organizar o reconhecimento de uma informação. Nenhum desses elementos possui, isoladamente, um significado universal. Seu funcionamento depende da disposição no

recorte e das relações estabelecidas com o texto. A leitura semiótica permanece, assim, vinculada à materialidade concreta e às condições históricas de interpretação (Lagazzi, 2008; 2009).

3. DISCURSO DIGITAL E ESCRITA AVALIATIVA

3.1. Formulação e Circulação no Ambiente Digital

Dias (2012; 2018) permite compreender o digital como espaço de relações entre sujeito, memória, tecnologia e arquivo. O ambiente participa da formulação e da circulação dos sentidos. Nos materiais analisados, a condensação verbal, a composição gráfica e a identificação do perfil oferecem marcas dessa inscrição digital. Como o estudo dispõe de reproduções estáticas, não acompanha trajetos de compartilhamento nem mudanças posteriores na publicação. A circulação é considerada como condição do objeto e como possibilidade de reinscrição, sem que se atribua ao corpus uma trajetória não documentada.

No *Instagram*, o *post* circula associado a um perfil e a uma interface que produz efeitos de autoria, reconhecimento e autoridade. A verificação da conta, quando presente, funciona como marca digital que pode reforçar a percepção de legitimidade do enunciador, ainda que não determine o valor do conteúdo. Curtidas, comentários e compartilhamentos, por sua vez, constituem mecanismos de circulação que integram a materialidade da plataforma. Mesmo quando os números não estão disponíveis no recorte, a existência desses recursos situa o dizer em uma lógica de interação, exposição e replicabilidade, na qual a informação educacional pode ser salva, enviada e reapresentada em outros contextos. Nesse sentido, a materialidade da rede participa da constituição do dizer, sobretudo

quando se considera [...] “a escolha da plataforma Instagram como suporte de materialidade dos enunciados” (Santos; Franceschini, 2022, p. 125), aspecto que situa a plataforma como parte do funcionamento discursivo, e não como suporte neutro (Paveau, 2017).

A materialidade verbal organiza nomeações, classificações e formas de endereçamento, enquanto a materialidade visual atua na disposição do olhar, na hierarquia de informações e na associação entre elementos. No primeiro *post*, “Melhores argumentos” recebe destaque tipográfico e cromático, enquanto a fotografia de uma pessoa e as cores relacionadas ao Enem aproximam a publicação de um universo educacional reconhecível. No segundo, a expressão “Tema da redação 2025” ocupa posição central, seguida do enunciado temático em uma caixa branca, criando uma sequência de leitura que prioriza a informação e a associa visualmente a marcas do exame (Lagazzi, 2008; Paveau, 2017).

O recorte estático estabelece um limite importante entre a interface representada e o uso efetivo da plataforma. No primeiro material, nome de perfil, marca de verificação e botão de acompanhamento são visíveis no post reproduzido no fluxograma. Não há, contudo, registro suficiente de curtidas, comentários ou compartilhamentos para descrever engajamento. As menções a esses recursos, presentes na síntese analítica fornecida, não serão tomadas como dados empíricos dos leitores. O desenho da interface pode ser descrito; o comportamento dos usuários permanece fora do alcance da pesquisa.

Paveau (2017) discute especificidades da escrita digital, enquanto Dias (2018) situa questões de memória e arquivo. Essas contribuições

ajudam a reconhecer que o texto reproduzido em um documento não equivale à publicação integral em seu ambiente de origem. Perdem-se relações com legendas, encadeamentos, comentários e atualizações. A reprodução preserva certas marcas e interrompe outras relações. Essa transformação integra o procedimento analítico e exige que as conclusões sejam formuladas sobre o recorte disponível.

3.2. Redação do Enem e Imaginários de Preparação

A redação do Enem pode ser tomada como objeto discursivo quando se desloca o interesse da prova em si para os sentidos que circulam sobre ela. Nas redes sociais, o exame aparece associado a orientações, expectativas, previsões, repertórios e comentários que antecedem ou acompanham sua realização. O objeto de análise, portanto, não é a correção de textos dos participantes, mas a discursividade que organiza modos de falar sobre como escrever, como argumentar e como se posicionar diante de uma proposta de redação (Silva; Cavalcante, 2023; Leal; Motta, 2017).

Os discursos sobre escrita em contexto avaliativo tendem a relacionar produção textual, adequação, técnica e resultado. Essa relação se torna visível quando uma postagem seleciona “melhores argumentos”, porque a expressão aproxima a prática de argumentar de uma escala de eficácia orientada para a prova. O termo “melhores” produz um efeito de seleção, enquanto a recusa aos “argumentos de bolso” introduz uma fronteira entre modos considerados legítimos e formas desautorizadas de preparação. O processo ocorre sem a explicitação completa dos critérios, fazendo com que a distinção funcione como evidência (Leal; Motta, 2017; Seba; Costa, 2022).

A definição evidencia que a escrita solicitada no exame se organiza pela articulação entre posicionamento, justificativa e desenvolvimento argumentativo. Desse modo, a preparação para a redação envolve o reconhecimento dessas exigências discursivas, que passam a orientar a seleção de repertórios e a organização dos argumentos.

A articulação entre escrita e desempenho constitui uma região de sentidos recorrente no discurso educacional. O participante é imaginado como sujeito que precisa responder adequadamente às exigências de uma avaliação e, por isso, busca recursos que aumentem sua capacidade de formular argumentos. Nesse cenário, o post funciona como mediação entre o exame e o estudante, oferecendo uma leitura antecipada do que merece atenção. O desempenho passa a integrar a interpretação mesmo quando a nota não é mencionada, pois o contexto de circulação convoca a memória de avaliação e de comparação entre resultados. Essa pressão atravessa o ensino da escrita, pois “em torno dele circula uma grande pressão posta pela sociedade e pelas instituições de ensino” (Silva; Cavalcante, 2023, p. 52), aspecto que participa do imaginário de desempenho mobilizado na preparação para a prova (Seba; Costa, 2022).

O documento básico do Enem de 2002 situa a avaliação no âmbito de competências vinculadas ao término da escolaridade básica e à atuação social do estudante (INEP, 2002). O guia de redação de 2013 relaciona o texto dissertativo-argumentativo à defesa de um ponto de vista por meio de argumentos e explicações (INEP, 2013). Esses documentos são referências históricas para compreender a discursividade da avaliação; não são utilizados como prova de regras

específicas da edição de 2025. A análise permanece centrada no que os posts apresentam sobre a escrita.

A discussão formativa também encontra apoio nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que valorizam capacidades de pesquisa, análise, seleção de informações e formulação de conhecimento (Brasil, 2000). Essa referência permite problematizar a relação entre memorização e produção argumentativa. No corpus, a promessa de selecionar argumentos pode ser lida à luz dessa diferença, sem presumir que o conteúdo completo da publicação favoreça ou impeça a elaboração autônoma do estudante.

Os efeitos de evidência aparecem quando determinadas relações se apresentam como naturais: alguns argumentos seriam melhores, certas fórmulas deveriam ser evitadas e determinadas informações precisariam ser acompanhadas de modo imediato. Na perspectiva de Pêcheux (2014), a ideologia participa justamente desse processo de produção de evidências, pelo qual os sentidos parecem decorrer das próprias palavras. A análise não busca denunciar uma intenção oculta do autor, mas observar como as formulações organizam posições e critérios que se tornam reconhecíveis em uma memória educacional mais ampla (Pêcheux, 2014; Giachini, 2019).

4. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

4.1. Arquivo e Delimitação das Evidências

A pesquisa apresenta natureza qualitativa e interpretativa, orientada pelos pressupostos da Análise de Discurso materialista. O procedimento não trabalha com quantificação de ocorrências ou generalização estatística, pois o interesse recai sobre o

funcionamento de sentidos em recortes específicos. A interpretação se constrói na relação entre dispositivo teórico e materialidade, de modo que conceitos como condições de produção, interdiscurso, formação discursiva, posições-sujeito e silêncio operam como instrumentos de leitura (Orlandi, 2015; Dias, 2018).

O arquivo disponível é o documento-base, que reúne uma síntese visual de análise do primeiro post e uma reprodução do segundo recorte. A Figura 1 contém, em sua região central, a publicação atribuída visualmente ao perfil @profinho_; ao redor, apresenta categorias e interpretações já organizadas em fluxograma. A Figura 2 reproduz uma peça sobre o tema da redação. Portanto, há uma diferença documental entre os materiais: o primeiro post é acessível no interior de uma elaboração analítica; o segundo aparece como reprodução visual. Essa diferença será mantida no desenvolvimento do estudo.

Foram incluídos elementos efetivamente visíveis nos recortes e informações já registradas no material de análise. Não se atribuem ao corpus números de curtidas, comentários, datas de postagem, legendas completas ou intenções autorais que não estejam disponíveis. Também, a análise não toma a identidade gráfica como prova de oficialidade, mas como material signifiante que produz efeitos de reconhecimento. Esse cuidado metodológico mantém a leitura vinculada ao material disponível e evita extrapolações sobre aspectos ausentes (Dias, 2018; Orlandi, 2015).

Para organizar o movimento analítico, são tomadas como sequências discursivas principais: SD1: “Melhores argumentos para redação do ENEM 2025”; SD2: “E não são ‘argumentos de bolso’”; SD3: “Tema da redação 2025”; SD4: “Perspectivas acerca do

envelhecimento na sociedade brasileira”. As sequências não são analisadas de forma isolada, pois sua interpretação depende da composição visual e das condições de circulação. A segmentação exerce uma função metodológica, permitindo acompanhar regularidades lexicais, relações de negação, efeitos de hierarquia e formas de apresentação da informação (Courtine, 2009; Lagazzi, 2009).

As caixas interpretativas do fluxograma não integram as sequências discursivas do post. A autoridade pedagógica, a interpelação do estudante e a naturalização de critérios são hipóteses a examinar, não enunciados literais da publicação. Separar a região do post da síntese que a circunda impede um raciocínio circular em que a análise apenas confirme resultados já inscritos na própria figura. O material fornecido é preservado, mas cada inferência precisa retornar às marcas do recorte central.

O segundo material apresenta o envelhecimento como tema da redação de 2025. Este estudo analisa esse modo de apresentação no corpus; não usa a reprodução para autenticar a origem da peça. A presença de logotipos, por si só, não permite concluir que a publicação foi produzida por uma instituição pública. Como faltam endereço de origem e registro completo de circulação, a análise distingue enunciado apresentado, reconhecimento institucional e autenticação documental. Essa delimitação preserva o objeto sem transformar uma aparência gráfica em prova de procedência.

4.2. Dispositivo e Percorso Interpretativo

O dispositivo mobiliza categorias provenientes de Pêcheux, Orlandi, Courtine, Dias e Lagazzi. As condições de produção situam os posts

no discurso educacional e na circulação digital; o interdiscurso e a memória permitem observar retornos do já-dito; a formação discursiva orienta a leitura das regularidades sobre preparação e avaliação; as posições-sujeito evidenciam relações entre autoridade pedagógica e participante; a imbricação das materialidades significantes possibilita tratar verbal, visual e digital como dimensões articuladas do recorte (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2015; Dias, 2017; Lagazzi, 2008).

O movimento de análise parte da descrição do recorte, passa pela identificação de marcas significantes e relaciona essas marcas às condições de produção e à memória discursiva. Em seguida, observam-se efeitos de sentido, posições-sujeito e silenciamentos, sem pretender esgotar o objeto. A interpretação retorna ao material sempre que uma hipótese precisa ser confrontada com o que está efetivamente visível, mantendo a relação entre teoria e corpus como procedimento contínuo (Orlandi, 2015; Dias, 2018).

O dispositivo se organiza em dois eixos articulados. O primeiro relaciona memória discursiva e posições-sujeito, examinando classificações, negações e lugares de saber. O segundo relaciona imbricação material e efeitos de evidência, observando saliência gráfica, composição e marcas de reconhecimento. Esses eixos condensam os conceitos anteriormente dispersos e permitem aprofundar sua aplicação. Não constituem uma nova teoria; são uma organização operacional do procedimento para este *corpus*.

Em cada leitura, a interpretação parte de uma marca identificável, explicita a relação significativa que ela estabelece e formula um efeito de sentido possível. A seguir, delimita o que a marca não autoriza concluir. No primeiro *post*, por exemplo, a presença de

“melhores” sustenta uma hipótese de hierarquização, mas não demonstra qualidade objetiva dos argumentos. No segundo, os logotipos sustentam uma hipótese de reconhecimento institucional, mas não bastam para confirmar autoria oficial. O procedimento torna a análise discutível e revisável a partir das evidências.

A comparação final não presume uma sequência cronológica entre as publicações. Tampouco afirma que os materiais pertencem a um mesmo perfil ou que alcançaram os mesmos leitores. Sua articulação é produzida pelo recorte da pesquisa, que aproxima orientação argumentativa e apresentação temática. A relação entre os posts é, assim, uma relação analítica, justificada pelo problema comum da preparação para a escrita e circunscrita aos dois documentos disponíveis.

5. ANÁLISES DOS POSTS E COMPARAÇÃO DOS FUNCIONAMENTOS

5.1. *Post 1* e a Tensão Entre Seleção e Recusa de Fórmulas Prontas

Figura 1. *Post 1* reproduzido no interior da síntese analítica fornecida.



Fonte: Documento-base para a pesquisa.

A Figura 1 deve ser lida em dois planos documentais: o post situado no centro e o fluxograma que o interpreta. A análise a seguir toma como evidências a chamada, a negação, o desenho do post e os elementos de interface visíveis na região central. As formulações das caixas laterais permanecem como síntese antecedente, que não substitui a demonstração analítica. A pessoa fotografada compõe uma cena associada à preparação educacional; sua condição biográfica de estudante não pode ser estabelecida pela imagem.

A sequência “Melhores argumentos para redação do ENEM 2025” distribui funções diferentes entre seus segmentos. “Melhores argumentos” instala a avaliação; “para redação” delimita a finalidade

atribuída aos recursos; “do ENEM 2025” situa o anúncio em uma edição nomeada do exame. A classificação é apresentada antes da explicitação dos argumentos. Com isso, o destinatário encontra primeiro o valor prometido pela seleção e somente depois, em um conteúdo que não está integralmente disponível, poderia examinar sua sustentação. O dado observável é essa ordem de apresentação, não uma garantia de eficácia pedagógica.

No plano visual, o destaque amarelo sobre as palavras “Melhores argumentos”, em letras azuis, cria saliência para a classificação. A continuidade da chamada em letras pretas associa essa avaliação ao objeto “redação do ENEM 2025”. A formulação negativa, em área inferior e com dimensão menor, introduz uma condição de diferenciação. A hierarquia visual aproxima primeiro o olhar da promessa de seleção e, em seguida, da ressalva. Esse percurso não determina a leitura de todos os usuários; constitui uma organização material que torna certas entradas de leitura mais salientes (Lagazzi, 2008).

A negação “E não são ‘argumentos de bolso’” produz uma tensão que merece desenvolvimento. O conectivo “E” acrescenta a recusa à promessa anterior, preservando ambas no mesmo anúncio. A metáfora “de bolso” permite interpretar disponibilidade, facilidade de transporte e prontidão de uso, mas o recorte não define a expressão. A leitura como referência a argumentos prontos é uma hipótese sustentada pelo contexto de preparação e pela própria diferenciação construída. Não se afirma que o perfil rejeite toda orientação sintética ou que o conteúdo anunciado efetivamente supere fórmulas convencionais.

Essa tensão pode ser descrita, neste artigo, como legitimação por seleção e por diferenciação. O enunciador se apresenta como capaz de escolher recursos superiores e de afastá-los de uma categoria desvalorizada. Trata-se de uma formulação analítica proposta para o recorte, e não de um conceito atribuído a Pêcheux ou de uma descoberta geral sobre o Instagram. Sua utilidade está em mostrar que a autoridade não se constrói somente pelo que se promete oferecer; também se constitui pelo que se nomeia e se recusa (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2015).

As aspas em “argumentos de bolso” marcam a expressão como denominação destacada do restante da frase. Essa diferença gráfica pode favorecer uma leitura de distanciamento em relação ao dizer citado, mas não permite identificar de quem a expressão foi retomada. O outro dizer comparece sem uma fonte individual nomeada. A interpretação deve, portanto, acompanhar a fronteira entre categorias de argumentação, sem inventar um adversário, uma campanha anterior ou uma intenção de atacar determinado professor.

A fotografia, a marca “enem” e o conjunto cromático aproximam a seleção prometida de uma cena educacional reconhecível. A representação de uma pessoa sorrindo admite uma hipótese de proximidade e de apresentação favorável da preparação, mas não prova identificação psicológica do leitor. Da mesma forma, a marca de verificação visível ao lado do perfil pode participar do reconhecimento da conta; ela não certifica a consistência dos argumentos anunciados. Essa distinção impede que reconhecimento digital e validade pedagógica sejam tratados como equivalentes.

A posição do destinatário emerge da utilidade pressuposta na chamada: alguém precisaria escolher argumentos e distinguir os considerados melhores dos nomeados como “de bolso”. O post pode orientar essa escolha, mas o fragmento não expõe o critério. O ponto crítico da análise é a relação entre uma classificação já visível e uma justificação ainda ausente do recorte. Pedagogicamente, essa distância pode ser trabalhada pela pergunta sobre o que torna um argumento pertinente a uma tese, em vez de aceitar a superioridade anunciada como propriedade previamente demonstrada.

5.2. *Post 2* e a Tensão Entre Abertura Temática e Reconhecimento Institucional

Figura 2. Recorte visual que apresenta o tema da redação de 2025.



Fonte: Documento-base para a pesquisa.

A composição articula três regiões de reconhecimento: a marca “enem”, a chamada em letras de grande dimensão e o enunciado temático enquadrado em uma área clara. Na parte inferior,

aparecem marcas de instituições públicas; ao fundo, uma mão escreve com caneta sobre papel. Essa cena associa o anúncio ao ato material de escrever. O post organiza, assim, uma passagem entre identificação do exame, identificação da informação e reconhecimento da prática a que ela se dirige. São relações observáveis no desenho da peça, sem que delas se deduza uma experiência efetiva do participante.

A chamada “Tema da redação 2025” identifica o que a informação deve ser para o leitor. O enquadramento claro, as aspas e o contraste com o fundo escuro conferem destaque ao enunciado “Perspectivas acerca do envelhecimento na sociedade brasileira”. As aspas apresentam a formulação como dizer reproduzido, embora sua fonte documental não seja estabelecida pela imagem isolada. Desse modo, a peça organiza um efeito de transmissão de uma informação já formulada e pronta para reconhecimento. O efeito de evidência está nessa forma de apresentação, não na comprovação externa de sua origem.

A palavra “perspectivas” merece uma leitura que não a substitua automaticamente por “problemas” ou “desafios”. No enunciado do corpus, ela permite considerar modos de compreender o envelhecimento, sem fixar antecipadamente uma única abordagem. “Acerca do” delimita a relação temática, enquanto “na sociedade brasileira” situa o processo em um espaço social nomeado. Essa abertura linguística convive com uma composição gráfica que estabiliza o tema como unidade informativa. A análise identifica, portanto, uma diferença entre a pluralidade de abordagens possível e a unidade visual produzida pelo anúncio.

Não há, no fragmento, uma tese sobre pessoas idosas nem uma caracterização de suas condições de vida. Leituras sobre direitos, cuidado, autonomia ou desigualdade são caminhos possíveis de elaboração, não resultados empiricamente presentes no *post*. A distinção é especialmente relevante porque impede que o pesquisador faça o tema dizer uma conclusão que ele não formula. O trabalho analítico acompanha o campo de possibilidades aberto por “perspectivas” e reserva para outros documentos a comprovação de aspectos sociais específicos do envelhecimento.

As marcas do Inep, do Ministério da Educação e do governo federal, visíveis no rodapé, podem favorecer reconhecimento institucional. Sua disposição aproxima a informação da esfera pública responsável pelo exame, mas não autentica a peça. Propõe-se designar esse funcionamento, neste recorte, como legitimação por reconhecimento institucional. A denominação descreve uma relação entre marcas gráficas e efeito de autoridade; não identifica, por si, o autor ou a origem da publicação. A inovação interpretativa reside nessa separação entre reconhecer a instituição na imagem e comprovar documentalmente quem produziu o anúncio.

A ausência da proposta completa limita a análise dos encaminhamentos de escrita. O recorte oferece o tema, mas não expõe textos motivadores ou desenvolvimento argumentativo. Conforme Orlandi (2007), o silêncio participa da delimitação do dizer; aqui, a condensação concentra a atenção em uma formulação e deixa outras dimensões fora da cena. A ausência não demonstra censura nem intenção de esconder critérios. Ela mostra a diferença material entre uma peça de divulgação e um conjunto documental mais amplo sobre a produção textual.

A comparação com o primeiro post explicita dois modos de orientação. O *post 1* solicita reconhecer uma seleção como valiosa; o *post 2* solicita reconhecer uma informação como pertinente ao exame. No primeiro, o ponto de indeterminação é o critério de superioridade dos argumentos. No segundo, é a passagem entre reconhecimento visual e procedência documental, além da relação entre conhecer o tema e desenvolver uma tese. Em ambos, a síntese facilita a identificação de um objeto e deixa relações argumentativas para além do fragmento. Não se conclui, entretanto, que esses efeitos tenham a mesma intensidade ou que provoquem a mesma resposta nos leitores.

6. RESULTADOS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

6.1. Síntese Comparativa e Alcance dos Resultados

O resultado principal é a identificação de duas operações de legitimação circunscritas às materialidades estudadas. A primeira se apoia em classificar e diferenciar recursos de argumentação; a segunda, em apresentar uma informação com marcas reconhecíveis do exame e de instituições públicas. A convergência está na construção de um destinatário interessado em orientar sua escrita. A diferença está no objeto tornado evidente: o valor de uma seleção ou a pertinência de um anúncio, pois o Quadro 1 organiza essas relações sem acrescentar dados de recepção.

Quadro 1. Relações entre evidência material e interpretação.

Recorte	Marca observável	Funcionamento interpretado	Limite da inferência
Post 1	“Melhores argumentos” e	Classificação e lugar de seleção	Não demonstra qualidade dos

	destaque gráfico	pedagógica	argumentos
Post 1	“E não são ‘argumentos de bolso’”	Diferenciação por negação de outro dizer	Não identifica a origem do dizer recusado
Post 2	Tema enquadrado e marcas institucionais	Reconhecimento e apresentação da informação	Não autentica autoria ou procedência
Post 2	“Perspectivas” e tema visualmente unificado	Abertura linguística e estabilização gráfica	Não define uma tese sobre envelhecimento

Fonte: Elaboração analítica a partir dos recortes do documento-base.

A leitura articulada sustenta uma hipótese sobre a mediação pedagógica: o recurso digital pode apresentar como imediatamente reconhecível aquilo que ainda demanda elaboração. Identificar “melhores argumentos” não explicita sua pertinência a uma tese; identificar um tema não produz, por si, argumentação. Essa diferença constitui um resultado interpretativo da comparação. Ela não autoriza classificar os posts como pedagogicamente inadequados, pois o conteúdo integral das publicações não está disponível.

O alcance dos resultados corresponde a dois recortes documentais. Não há amostragem capaz de representar todos os perfis, nem acompanhamento de uma mesma comunidade de leitores. A ausência de legendas completas, comentários, datas de publicação e métricas impede conclusões sobre circulação efetiva ou aprendizagem. Além disso, a primeira materialidade está

incorporada a um fluxograma antecedente, condição que exige separar a publicação das categorias já lançadas sobre ela. A interpretação ganha consistência ao explicitar esses limites, em vez de ampliar seu alcance por suposição.

6.2. Proposta de Leitura Crítica e Elaboração Argumentativa

A implicação pedagógica decorre diretamente dos pontos de indeterminação encontrados. No primeiro recorte, pode-se pedir que o leitor explicita qual comparação está pressuposta em “melhores” e quais critérios seriam necessários para sustentá-la. A pertinência de um argumento precisa ser relacionada à tese que ele pretende defender, à confiabilidade das informações mobilizadas e à explicação da conexão entre evidência e conclusão. Essa atividade transforma uma classificação recebida em objeto de exame, mantendo a orientação para a escrita discutida por Inep (2013).

A recusa de “argumentos de bolso” oferece outra oportunidade. O estudante pode analisar se uma referência foi apenas repetida ou se participa do desenvolvimento do raciocínio. O critério proposto é observar como o recurso se articula ao problema formulado no texto. Isso evita tanto a aceitação automática de repertórios prontos quanto a rejeição de qualquer conhecimento previamente aprendido. A análise do post não fornece uma lista de argumentos adequados; fornece uma pergunta sobre as condições em que um argumento se torna defensável.

A análise dos elementos imagéticos e cromáticos presentes nos posts permite examinar como imagens, cores e enunciados verbais se articulam na produção de efeitos de sentido. Essas escolhas participam da composição discursiva e podem favorecer o

reconhecimento de referências institucionais, orientando a atenção e a interpretação do leitor. Nesse percurso, importa identificar as marcas visuais e verbais que sustentam tal reconhecimento e compreender como sua articulação pode produzir efeitos de credibilidade. A leitura desses recursos, contudo, não comprova a autenticidade da publicação nem a procedência da informação, o que exige distinguir a análise da composição das operações necessárias à verificação de sua fonte.

No segundo recorte, a atividade pode distinguir leitura da composição e verificação da procedência. Primeiro se identificam as marcas que produzem reconhecimento institucional. Em uma etapa posterior, seria necessário consultar a fonte primária da informação, conservar o endereço e registrar o contexto de publicação. Esse encaminhamento é uma recomendação metodológica, não uma verificação efetuada no corpus. A separação entre as etapas permite perceber por que uma imagem reconhecível pode orientar a atenção sem resolver a questão da autenticidade.

Para trabalhar o enunciado sobre envelhecimento, propõe-se formular diferentes perguntas compatíveis com a amplitude de “perspectivas”, escolher um recorte e explicar como ele se relaciona à sociedade brasileira. Antes de escrever, o estudante precisaria reunir fontes que sustentassem suas afirmações. O exercício não deve exigir que o post contenha aquilo que seu formato não apresenta. Deve mostrar a passagem entre reconhecer uma temática e construir um posicionamento fundamentado, em consonância com capacidades de análise e formulação discutidas por Brasil (2000).

Uma aplicação possível reuniria o post, as hipóteses de leitura e um pequeno texto argumentativo produzido a partir de fontes identificadas. A discussão coletiva poderia examinar onde houve mera repetição da chamada e onde se explicitou uma relação entre tese e argumento. Essa aplicação não foi realizada no presente estudo, portanto não há resultados de eficácia a apresentar. Seu valor, como encaminhamento, está em converter os achados discursivos em questões de leitura e escrita que podem ser posteriormente investigadas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dois recortes permite responder ao problema de pesquisa por meio de relações materiais identificáveis. Os posts produzem sentidos sobre a redação ao selecionar o que merece destaque, atribuir valor a recursos de argumentação e apresentar um tema em composição visualmente reconhecível. A constituição das posições-sujeito acompanha essas operações: um lugar oferece orientação ou informação, enquanto o destinatário é projetado como alguém que precisa delas para organizar sua escrita. Tais posições são efeitos do funcionamento discursivo, sem equivalência necessária com a experiência individual de cada leitor.

No primeiro post, o adjetivo “melhores”, a disposição gráfica da chamada e a negação de “argumentos de bolso” sustentam uma leitura da legitimação por seleção e diferenciação. A publicação afirma o valor de um conjunto de argumentos e afasta uma categoria de preparação, mas o recorte não fornece os critérios da hierarquia. A tensão entre oferecer recursos e recusar fórmulas prontas constitui o núcleo da interpretação. Não se demonstra contradição na prática do perfil; identifica-se uma relação interna ao

anúncio que exige explicação caso se queira avaliar sua promessa pedagógica.

No segundo material, a marca do exame, o destaque do tema e os logotipos institucionais sustentam uma leitura da legitimação por reconhecimento. A informação é organizada para identificação, enquanto “perspectivas” preserva possibilidades de abordagem do envelhecimento. A estabilização visual do anúncio não elimina essa abertura linguística. O resultado mostra a necessidade de distinguir reconhecimento institucional, autenticação da peça e elaboração de uma tese, operações que a imagem isolada não resolve conjuntamente.

A comparação é produtiva porque situa dois pontos em que a orientação sintética precisa ser desenvolvida. Uma classificação de argumentos demanda justificação; uma apresentação temática demanda problematização. A ideologia atua quando relações historicamente constituídas podem parecer evidentes, como a superioridade de certos recursos ou a autoridade de uma informação reconhecível. O estudo acompanha esses efeitos com base em Pêcheux (2014) e Orlandi (2015), preservando a diferença entre interpretação discursiva e comprovação documental de autoria, intenção ou recepção.

Uma possível solução para o problema pedagógico identificado consiste em instituir uma leitura que torne explícita a passagem do reconhecimento à elaboração argumentativa. Ao receber uma orientação, o estudante pode localizar a marca que a valoriza, perguntar pelo critério dessa avaliação e verificar sua relação com a tese que pretende defender. Ao receber um anúncio temático, pode distinguir o que a composição mostra daquilo que requer consulta à

fonte primária e pesquisa adicional. Essa prática propõe uma resposta aos pontos de indeterminação observados; não oferece garantia de desempenho nem substitui o trabalho de produção textual.

O encaminhamento permite utilizar os posts como materiais de leitura e discussão, relacionando suas formulações aos processos de seleção de informações e construção de argumentos. A proposta não exige eliminar a síntese digital, mas desenvolver as relações que ela concentra ou deixa fora do recorte. A leitura crítica pode, assim, examinar como uma orientação produz autoridade e em que condições o conteúdo mobilizado se sustenta como argumento. Trata-se de uma possibilidade analiticamente fundamentada, cujo alcance pedagógico dependerá de investigação específica em contextos de ensino.

O *corpus* reduzido, a ausência de registros completos de circulação e a inclusão do primeiro post em uma síntese antecedente limitam as conclusões. O trabalho não pretende representar o conjunto dos discursos digitais sobre o Enem 2025. Sua contribuição está em demonstrar um percurso que relaciona evidência verbal e visual, memória, posições-sujeito e consequências pedagógicas possíveis, mantendo cada conclusão vinculada ao material disponível. A ampliação futura do arquivo poderá examinar se as operações descritas se mantêm, se deslocam ou entram em conflito em outras publicações e práticas de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado:** nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Tradução de Walter José

Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: bases legais.** Brasília, DF: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 18 set. 2026.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515>. Acesso em: 18 set. 2026.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital:** sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. **Sujeito, sociedade e tecnologia:** a discursividade da rede (de sentidos). São Paulo: Hucitec, 2012.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

GIACHINI, Liana Cristina. Efeitos de sentido e da memória no discurso sobre a redação do novo ENEM: uma análise dos guias do

participante. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 100-115, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/13831>. Acesso em: 18 set. 2026.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **A redação no Enem 2013: guia do participante**. Brasília, DF: Inep, 2013. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf. Acesso em: 18 set. 2026.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM: documento básico 2002**. Brasília, DF: Inep, 2002. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/enem_exame_nacional_do_ensino_medio_documento_basico_2002.pdf. Acesso em: 18 set. 2026.

LAGAZZI, Suzy. A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 23., 2008, Goiânia. Resumo expandido [...]. Goiânia: **ANPOLL**, 2008. p. 1-3. Disponível em: <https://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>. Acesso em: 18 set. 2026.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo na memória. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Org.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009.

LEAL, Amilton Flávio Coleta; MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. A política nacional de avaliação do ENEM: a proposta de redação e o imaginário de escritor ideal. **Revista do GELNE**, v. 19, n. 1, p. 68-78, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11224>. Acesso em: 18 set. 2026.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso:** (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'écriture numérique:** standardisation, délinéarisation, augmentation. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 48, p. 13-36, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23296>. Acesso em: 18 set. 2026.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória.** Tradução e introdução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SANTOS, Sarah Pereira dos; FRANCESCHINI, Bruno. A redação do ENEM e a produção de discursos a respeito da norma-padrão no Instagram. **Revista Heterotópica**, v. 4, n. 1, p. 121-142, 2022. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/64365>.

Acesso em: 18 set. 2026.

SEBA, Adson Luan Duarte Vilasboas; COSTA, Elizangela Patrícia Moreira da. A promessa da redação ENEM nota mil nas redes sociais: uma análise enunciativo-discursiva de um perfil no Instagram. **Revista ECOS**, v. 32, n. 1, p. 243-263, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/6392>.

Acesso em: 18 set. 2026.

SILVA, Ananias Agostinho da; CAVALCANTE, Francisco Mailson de Lima. O gênero redação do ENEM: um estado do conhecimento. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 23, n. 2, p. 51-70, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3645>. Acesso

em: 18 set. 2026.

Trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Letras – ProfLETRAS, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Ji-Paraná-IFRO. Vinculado à linha de pesquisa Estudos da Linguagem e Práticas Sociais sob a orientação do professor Doutor Sérgio Nunes de Jesus, *campus* Cacoal-IFRO.

¹ Professora da rede estadual de Rondônia (E.E.E.F.M. Maria do Carmo de Oliveira Rabelo) e na rede particular Colégio Clarice Lispector. Cursa Mestrado Profissional em Letras – ProfLETRAS, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Ji-Paraná-IFRO. Vinculada à linha de pesquisa Estudos da Linguagem e Práticas Sociais sob a orientação do professor Doutor Sérgio Nunes de Jesus, *campus* Cacoal-IFRO. Participa do programa +Professores do Governo Federal na Especialização em Ensino e Didática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas (UNESC, *campus* Cacoal). Especialização em Multilinguagem e Ensino (UNESC, *campus* Cacoal) e Metodologia e Ensino em Língua Portuguesa e Língua Inglesa em (UNIFAEL). Faço parte dos grupos de pesquisa em Semiótica Estudos Semióticos de Comunicação, Linguagens e Mídias (TEOLITERES, UNIR) e Práticas Discursivas na Amazônia (PDA, IFRO). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4174625626526851>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8296-9327>. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Professor Titular no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Cacoal-RO. Acadêmico do Curso de Direito, do Centro Universitário Mauricio de Nassau (UNINASSAU),

campus Cacoal-RO. Licenciado em Letras Português/Inglês/Literaturas (UNEB/FFCLC). Licenciado em História (UNICV). Especialista em Língua Portuguesa: Redação e Oratória (CUBM). Especialista em História da Cultura Indígena e Afro-brasileira (FAMART). Especialista em Antropologia Brasileira (FAMART). Especialista em Direito Internacional (FACEO). Mestre em Linguística (UNIR). Mestre em Science in Legal Studies, Emphasis in International Law (MUST). Doutor em Ciências da Educação (UTIC). Doutor em Estudos da Linguagem (UNICAP). Fez estágio pós-doutoral em Ciências da Educação (UFLO). Fez estágio pós-doutoral em Cartografia Social (UEMA). Professor permanente no PPGL-UNIR; PPGAgro-UNIR; ProfLETRAS-IFRO. Colaborador no PPGL-UNEMAT. Pesquisador associado ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, PNCSA-UEA (Centro de Ciências e Saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro - *Carmelita Nunes da Conceição* 'CARMÉ'). Atualmente coordena o *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* (NEABI-IFRO, *campus* Cacoal). Lidera o grupo de pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (DGP/CNPq-PDA-IFRO). Pesquisador na Web of Science Researcher iD: PQA-4188-2026. Pesquisador, escritor, músico e poeta. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9648583745536616>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8255-751X>. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)